Curso de Teologia da Unicap | PPGTEO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA DA UNICAP | UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

A ETERNIDADE DE DEUS E O LIMITE DA LINGUAGEM HUMANA

José Adelson Alencar da Silva[1]

Resumo

Partindo das informações obtidas nas pesquisas do âmbito da Teologia Sistemática, busca-se demonstrar a insuficiência da racionalidade humana ao desejar açambarcar a Eternidade num registro efêmero que é o tempo. Ainda que a contagem histórica tenha um princípio e caminhe para um final, e que nesse período fugaz e sujeito ao "vir a ser", o homem norteia seu caminho para ter acesso ao Ilimitado que perdera em sua composição antropológica ao dar ouvidos a serpente e ignorar o Silêncio Eterno que com sua Palavra lhe concedera a vida e, com ela, a capacidade de dialogar.

Palavras-chave: Tempo. Código. História. Verbo. Homem.

INTRODUÇÃO

"No princípio era o Verbo" (Jo 1,1)[2] e "no princípio Deus criou o céu e a terra" (Gn 1,1), o Verbo desde sempre estava com o Pai, afirma o evangelista, e é pronunciado pelo Pai, diz o autor do Gênesis. No relato da origem do mundo, após o primeiro ato criador (céu e terra), por dez vezes aparece a afirmação: "Deus disse" e por três vezes "Deus chamou". Em toda a criação, Deus pronuncia, fala, ordena.

No capítulo dois do Gênesis, após o mundo firmado e o ser humano criado, Deus se dirige e fala com o homem, não mais para dar origem, mas para comunicar: primeiro sobre a restrição do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal e depois para ordenar a Adão que ele dê

[1] Graduado no curso de Licenciatura em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru – FAFICA; graduando no curso de Bacharelado em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: jose.00000012946@unicap.br

[2] Todas as referências bíblicas neste texto são retiradas da Bíblia de Jerusalém. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2002.

nomes aos animais. Nesse segundo momento, o próprio Senhor pede ao ser humano que "fale", "diga", "signifique", porém a primeira sentença, frase, declamada pelo ser humano, contido no primeiro livro bíblico, é após a criação da mulher e, mesmo que não seja diretamente num ato de comunicação com ela, foi preciso que houvesse outro sujeito, Eva, que compreendesse sua linguagem e que o fizesse usar a primordial faculdade que traz à tona os princípios cognos-subjetivos.

Numa outra conversa, iniciada pela serpente, foi apresentada à mulher, a tentação do fruto proibido, motivo do pecado. Terminado o diálogo, é relatado o cometimento da cisão com Deus, do afastamento do contato com a Eternidade, bem como, também num ato comunicativo, a mulher oferece o fruto ao seu parceiro (Gn 3,6). Os detentores da faculdade da linguagem que antes serviram ao Senhor nomeando os seres da criação, não alcançam mais a dignidade divina, se voltam para fora do Éden e, nos seus limites, permanecem necessitados da alteridade, por isso a criação dos códigos comunicativos, que são as várias línguas existentes, e, antes de tudo, mendigando o encontro com a Palavra Eterna do Pai.

1 O HOMEM, A HISTÓRIA E O ETERNO

Há uma linha que está sendo desenhada desde o começo da contagem do tempo e que perpassa por tudo aquilo que existe, inclusive pelo ser racional. Na verdade, esse ser, mesmo em sua finitude, faz parte deste desenho retilíneo que só pode ser percebido porque sua razão o intui. Um constitui o outro, porém, um direciona o horizonte e o outro definha sem saber o final. A esta linha chamam de história e ao ser que foi citado, dizem dele "homem".

Pois bem, desde o começo, o homem é confrontado com a sua existência situada numa realidade palpável e mutável. E, observando este cenário, ele age numa condição voluntária, quase que com a mesma função de uma metalinguagem, onde o código se utiliza de si próprio para falar de si mesmo. Exatamente isso! O ser humano se questiona sobre sua

existência, sobre sua vida, sobre o seu fim.

Este termo "fim" que foi elencado pode nortear duas respostas almejadas pelo questionador, o fim no sentido de "finalidade": por que e para que existir? Ou no sentido de "desfecho": para onde caminhar se não se alcança a outra extremidade da linha histórica? Mas, a "finalidade" já descrita, tomada como objetivo, dá-se a entender como que uma busca necessária deste "fim último" para qual se aponta a bússola relógio. Diferente de falar de "fim" com a sensação de morte, mencionada por Clodovis Boff no seu Livro do Sentido.

> Em vez de finalidade poderíamos usar outros termos: fim, propósito, objetivo, meta, escopo, intenção, razão, ideal, causa, projeto, sonho, utopia e por aí vai. Poderíamos até dar a cada um desses termos uma conotação específica. Mas, por ora, não é necessário. Em nosso trabalho, em vez de "fim", poderia ser vantajoso usar "finalidade". Pois "fim" é um termo equívoco: pode significar positivamente, "objetivo", mas também, negativamente, "extinção" (BOFF, 2014, p. 7).

Ao se questionar sobre sua existência finita o sujeito entra em diálogo com um Infinito, reconhecendo sua brevidade e correndo para uma resposta num Silêncio Eterno que gera a Palavra Eterna. Após o Gênesis a história seguiu seu rumo e nela foram registradas diferentes narrativas, de diversas maneiras e nos mais variados códigos linguísticos, sejam através de pinturas nas paredes, nas impiedades dos óstracos, escritas em pergaminhos, símbolos em tabuinhas de argila, não importa o meio, mas é válido afirmar que até os dias atuais há indícios da necessidade da comunicação humana. É importante enaltecer ainda que tal processo fez pleno uso da teoria da comunicação, até mesmo quando, em sua finitude, o sujeito percebe que há um Eterno a quem se pode apontar a solução do seu questionamento. É nessa história que Deus age, é nela que Ele insiste em se comunicar, passar pelo efêmero assinalando um imutável amor.

2 REGRAS DE UM CÓDIGO E A CONFIRMAÇÃO DO SER ETERNO

Na língua portuguesa, como em outras línguas, o verbo, classe de palavra que indica também um "estado" do ser, na sintaxe, pode se apresentar tanto como sendo de ligação ou significativo. Sendo significativo ele poderá elencar uma necessidade de complemento ou não, podendo ser transitivo ou intransitivo, o transitivo é aquele que pede um complemento para que o verbo possua um sentido completo. Os complementos são chamados de objetos e podem ser diretos ou indiretos. Mas a grande questão é outra, os verbos de ligação sempre vão precisar de um complemento, de um nome, fato que faz parte da natureza do verbo de ligação. Seus complementos são chamados de predicativos. No episódio da sarça ardente, Deus se revela a Moisés e ao revelar quem ele era ele usa uma sentença que foge do contexto analítico do verbo de ligação:

> Moisés disse a Deus: "Quando eu for aos filhos de Israel e disser: 'O Deus de vossos pais me enviou até vós'; e me perguntarem: 'Qual é o seu nome?', que direi?" Disse Deus a Moisés: "Eu sou aquele que é." Disse mais: "Assim dirás aos filhos de Israel: 'EU SOU me enviou até vós.' "Disse Deus ainda a Moisés: "Assim dirás aos filhos de Israel: 'Iahweh, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó me enviou até vós. Este é o meu nome para sempre, e esta será a minha lembrança de geração em geração' (Ex 3,13-15)

Ao afirmar "Eu sou aquele que é", Deus se apresenta como simplesmente "sendo" algo sem as predicações necessárias para a compreensão do verbo, ou seja, Deus é! O verbo "ser", mesmo sendo de ligação, para Deus, suas predicações tornam-se puramente limitadas e dispensáveis, pois em sua sentença o Senhor manifesta a sua eternidade, um eterno presente, e confirma os óbices da linguagem humana. No novo testamento, Deus decide se autocomunicar aos homens por meio de sua Palavra sem limite algum, O Eterno decide tocar o tempo, não para ser compilado na efemeridade do cosmo, mas para levar o infinito ao finito por meio da encarnação no seio materno da Virgem Maria. Dessa maneira, a forma de Deus falar com os homens se distingue inteiramente da faculdade

de linguagem humana por sua ininterrupta Verdade, a isso o Evangelista João diz:

> No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam. Houve um homem enviado por Deus. Seu nome era João. Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. O Verbo era a luz verdadeira que ilumina todo homem; ele vinha ao mundo. Ele estava no mundo e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu e os seus não o receberam. Mas a todos que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus: aos que creem em seu nome, ele, que não foi gerado nem do sangue, nem de uma vontade da carne, nem de uma vontade do homem, mas de Deus. E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade (Jo 1,1-14).

A linguagem humana é limitada, a Palavra de Deus é eterna. A eternidade entrou no tempo, a Palavra se fez Carne, isso cauciona o autor do Evangelho. Bruno Forte diz:

> O que só pareceria poder se atribuir às coisas mutáveis e caducas do mundo da carne, o vir a ser, aqui é atribuído ao Verbo, que estava com Deus e era Deus. Toda a graça e santidade deste mundo, como também toda possível blasfêmia e impiedade, estão contidas nesta expressão: "se fez". Se ela fosse entendida no sentido de simples diluir-se do sujeito no predicado, não só o céu teria descido à terra e se arraigado nela, mas também simplesmente teria se confundido com ela: não haveria mais um céu para onde levantar os olhos, e tampouco um Deus e uma pátria diferentes deste mundo (FORTE, 1995, p. 106).

Bruno Forte vai continuar elucidando que é necessária uma compreensão exata do termo "se fez", ou seja, o vir a ser do imutável, a isso é colocada uma solução e que está na união, sem confusão e sem mistura, das duas naturezas do Verbo, a humana e a divina, pela *communicatio*

idiomatum, desfazendo-se também da confusão criada por Nestório quando afirmava uma cristologia herética resumida em 2 *physis,* 2 *hipóstases* e 1 *prósopo.* Mas Bruno explica:

> É portanto, legítimo perguntarmo-nos o que é esta via negativa, construída sobre a afirmação da não-mistura e da não-conversibilidade recíproca entre o humano e o divino em Jesus Cristo, nos diz positivamente sobre o Verbo incriado. Ela põe o sinal "menos" diante de todas as limitações históricas da Palavra da revelação, remetendo-nos, à Palavra eterna: como o Verbo encarnado é delimitado na finitude do espaço e do tempo, então o Verbo em Deus será infinito e eterno, desde sempre e para sempre procedendo do silêncio do Pai; como Filho na carne é realmente solidário com a condição limitada e caduca de tudo o que é humano, então a Palavra eterna será divina, consubstancial ao Pai, solidária com Ele no mesmo plano do ser divino. Nenhuma confusão ou redução recíproca severa, portanto, ser admitida entre os dois planos que se encontram no evento revelador da Palavra: Deus é Deus e o mundo é mundo, embora o Verbo se tenha feito carne e a Palavra encarnada tenha aberto o acesso deste mundo para o insondável e alimentador mistério da divindade (FORTE, 1995, p. 109).

As duas naturezas se encontram numa pessoa divina, nos afirma o Concílio de Éfeso (431): 2 *physis,* 1 *hipóstases* e 1 *prósopo*. É no encontro do eterno com o limitado que a própria linguagem humana ganha um verdadeiro significado, pois sendo ela a ferramenta que materializa o pensamento do homem para que ele mesmo se compreenda no mundo e o mundo tendo sido criado pela Palavra de Deus, a mesma que se fez carne, as predicações se esvaem ao pretenderem desvendar o que não alcançam, o que não conhecem, porque a Palavra eterna é gerada eternamente do Silêncio eterno, que se revelou, mas ainda, assim, permanece oculto.

Portanto, a linguagem humana nunca será capaz de dizer tudo sobre Deus, pois a história não pode esgotar a eternidade, pelo contrário, o tempo é quem cabe dentro do relógio sem ponteiros e números, da ampulheta sem fundo, do mistério da divindade.

3 A TEORIA DE DIONÍSIO, UMA SOLUÇÃO PARA AS LIMITAÇÕES HUMANAS

Mas como então falar de Deus? Como torná-lo conhecido atendendo ao pedido do Filho "ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura" (Mc 16, 15)? Há um pensamento do Pseudo Dionísio Areopagita que pode contribuir com essa missão do cristão, no qual, se afirma que qualquer esforço se torna o mínimo para se chegar a Deus. Ele elenca três vias para o conhecimento da Eternidade, sendo assim, três maneiras de como usar a linguagem limitada, para tecer comentários sobre o ilimitado, sendo elas: a via apofática, catafática e a eminente ou superlativa. Em cada uma delas, há uma utilização de complemento do verbo de ligação já citado no segundo tópico.

Quando se diz, "Deus é", a colocação indica que Ele "é" e "não é" ao mesmo tempo: Deus é amor, porque não é ódio. A negação daquilo que é atribuído a Deus traz a proximidade com uma linguagem que reconhece sua fraqueza e aponta para uma perfeição, pois dá brechas para uma compreensão fora da realidade palpável, essa é a via apofática, que não diminui o tanto que Deus é. Mas ao dizer que Deus "é", e assim é, porque "ser algo" implica perfeição de existência de um ente, é dizer que Deus é "mais perfeito" que as predicações que lhe são impostas. Ex.: Deus é bom, mas não é só bom, Ele é a perfeita bondade e de onde deriva a bondade humana, esta é a via afirmativa. Ainda assim, tudo é limitado ao tentar se referir a esse alguém tão grande, Dionísio diz que nada se pode afirmar e nem negar de Deus, pois as negações e afirmações nunca chegarão ao seu absoluto, por isso a via eminente ou superlativa, ter o conhecimento que Deus é um ser de total e plena superioridade do modo de ser do que existe.

Para Dionísio, a melhor via para se tentar predicar Deus, é a via apofática, também conhecida como negativa, a qual deixa de trazer para às significações terrenas o que não cabe nem na compreensão humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda com tamanhas contribuições de Dionísio na época patrística

para a dogmática, não se pode esgotar Deus na efemeridade temporal. A linguagem funciona como um encontro, uma mediação. O Deus que se deixa encontrar, se revela, envia sua Palavra, se autocomunica, se deixa predicar, é o Deus que "é". Por isso, o tempo tem um começo, porque partiu da Eternidade, por isso ele findará, porque parte para a Eternidade. Tudo começou em Cristo, tudo caminha para Cristo.

Ao perceber-se no mundo, a pessoa humana se depara com as realidades em torno de si e tende a rotular tudo que lhe cerca para que possa intuir a finalidade de cada artefato ou ação. Quando necessário ela mesma determina como agradável ou desagradável aquilo que, propositalmente, irá lhe fazer bem ou não, mas que, na essência, seja algo que lhe mostre a sua finalidade, mas ao se deparar com uma realidade que foge de sua compreensão, cabe a ela a contemplação, pois diante de Deus se repete o que afirma o escritor sapiencial: "não há termos, não há palavras, nenhuma voz que deles se ouça", pois o Eterno não tem uma finalidade para o homem, Ele é a finalidade do homem.

Deus não pode ser comprimido num simples pensamento imanente, mesmo que se tenha a concepção de que Ele seja "o ser que nada maior pode ser pensado", como afirma Santo Anselmo (1973, p. 108), ainda sim as predicações permanecem no plano material e unicamente nele, pois a concepção do escolástico é também uma forma de provar a existência de um Senhor que não está determinado nas vozes terrenas. Deus é Eterno e o homem é limitado em sua linguagem.

REFERÊNCIAS

ANSELMO DE CANTUÁRIA, Santo. Proslógio. In: *OS PENSADORES*. v. VII. São Paulo: Abril Cultural, 1973, P. 101-146.

BOFF, Clodovis. *O livro do sentido: crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica)*. v. 1. São Paulo: Paulus, 2014.

FORTE, Bruno. *Teologia da história: ensaio sobre a revelação, o início e a*

consumação. São Paulo: Paulus, 1995. (Teologia Sistemática)

LADARIA, Luis F. *O Deus vivo e verdadeiro*: o mistério da Trindade. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2002.

BEZERRA, Cícero da Cunha. *Dionísio Pseudo-Areopagita*: mística e neoplatonismo. São Paulo: Paulus, 2009. (Coleção Filosófica)

LELOUP, Jean-Yves. *A teologia mística de Dionísio, o Areopagita*: um obscuro e luminoso silêncio. Petrópolis: Vozes, 2014.